



ANDAR A PÉ NA CIDADE: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NO ESPAÇO URBANO

WALKING IN THE CITY: WAYS OF SUBJECTIVATION IN URBAN SPACE

Wellington Marques da Silveira (PPGL/UNEMAT)¹

Resumo: Proponho uma reflexão sobre os modos de subjetivação, no/pelo espaço citadino, considerando um recorte específico da relação do sujeito em sua ocupação simbólica na trama da cidade – o caminhar. Parto do pressuposto de que as relações significantes se reconfiguram à medida que o sujeito se movimenta, se decide, (se) escapa, (se) expõe/exibe, distinta/indistintamente, pela forma que (se) compõe/(se) desintegra do/o texto da cidade. Dessa forma, interrogo pelos sentidos que derivam do gesto de andar a pé, compreendido igualmente como interpretação, no entrelace de diversas discursividades que atravessam esses modos de comparecer nos espaços que o urbano (des)organiza: nas faixas, nas calçadas, no meio das ruas, nas margens destas, entre automóveis, imóveis, edifícios, centros comerciais etc. Para isso, fundamento esta pesquisa nos estudos da Análise de Discurso, especificamente à esteira dos trabalhos de Orlandi (1997, 2001, 2004). Assim, coloco em análise imagens que flagram a composição da textualidade do urbano na medida mesma em que o sujeito se arregimenta/é arregimentado em diferentes posições, isto é, lugares de dizer/não dizer quando se movimenta a pé nos/pelos contornos que a cidade e suas nuances impõem. Desnaturalizo, assim, esse gesto de contato com o chão do lócus citadino como uma relação evidente de deslocamento – fora da curva dos sentidos –, do ir e vir, de movimento linearizado, sistêmico e habitual, buscando dar visibilidade às relações e forças ideológicas que o andar a pé faz circular nos locais que o urbano enseja.

Palavras-Chave: Andar a pé. Espaço Urbano. Modos de Subjetivação.

Abstract: I propose a reflection on the modes of subjectivation in/through the urban space, considering a specific aspect of the relationship between the subject and his/her symbolic occupation in the city's fabric - walking. I assume that the significant relations are reconfigured as the subject moves, decides, escapes, exposes/displays, distinctly/indistinctly, through the way in which he/she composes/disintegrates the text of the city. In this way, I question the meanings that derive from the gesture of walking, also understood as interpretation, in the interweaving of various discursivities that traverse these modes of appearing in the spaces that the urban (dis)organizes: on the lanes, on the sidewalks, in the middle of the streets, on the edges of the streets, among cars, buildings, shopping centers, etc. Thus, I analyze images that capture the composition of urban textuality to the extent that the subject is regimented/is regimented in different positions, that is, places of saying/not saying when moving on foot in/through the contours that the city and its nuances impose. I thus denaturalize this gesture of contact with the ground of the urban locus as an evident relationship of displacement - outside the curve of the senses -, of coming and going, of linearized,

¹ Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT). E-mail: wellington.silveira@unemat.br



systemic and habitual movement, seeking to give visibility to the ideological relations and forces that “walking” makes circulate in the places that the urban gives rise to.

Keywords: Walking. Urban Space. Ways of Subjectivation.

INTRODUÇÃO

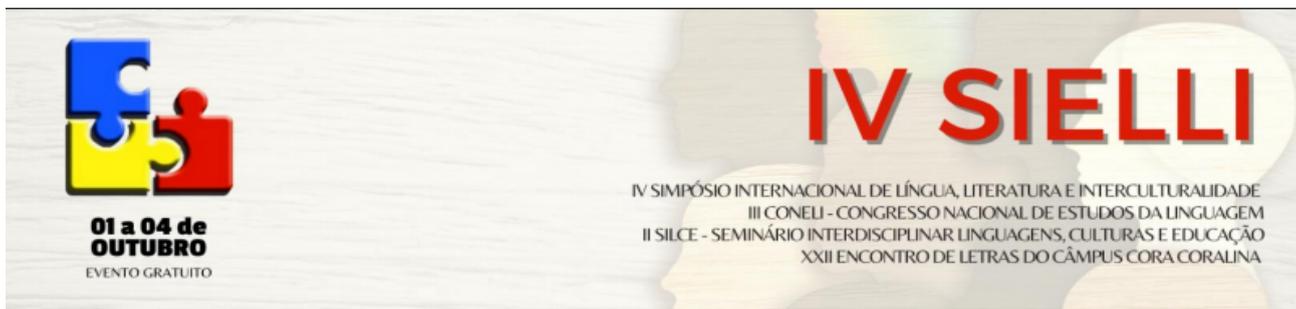
As cores, as construções, os espaços e contornos da cidade narram o (des)ordenado e o (in)completo tanto do lugar quanto dos que o habitam, em seus modos de (r)existir na/à cidade, pois, como afirma Orlandi (2004, p. 11), “[...] o corpo do sujeito e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade”.

Questionamos, assim, não o aparente enquadrado/organizado do espaço em que transitam/permanecem/subjectivam-se sujeitos, pois estes jogam com a evidência e a naturalização do sentido, mas justamente com o oposto, o desenquadrado e o desorganizado, que possibilitam modos de identificação distintos para os sujeitos, que tampouco são completos, mas cortados por versões, por diferentes maneiras de caminhar, de ocupar e se (in)visibilizar, no espaço urbano.

Nessa direção, Orlandi (2001, p. 56) nos orienta que a “[...] cidade é um lugar de produção, circulação e consumo de discursos. É uma materialidade que fala, que faz sentido. Nela, as relações de poder e as diferenças se fazem presentes, assim como as possibilidades de resistência.”

O constante retorno ao início dos percursos, dos trajetos, dos caminhos, constrói o lugar teórico pelo qual o analista de discurso olha para o funcionamento da língua(gem). Ao longo deste trabalho, foi deste campo de reflexão linguística que buscamos compreender, senão melhor visibilizar, os espaços discursivos em que são produzidas determinadas leituras, interpretações e (re)estruturações dos sentidos, para/por sujeitos.

Em suma, este trabalho colocou-nos em contato com os mecanismos pelos quais o silêncio e a metáfora operam, por meio de palavras entrecortadas, de versões e caminhos descontraídos, que funcionam pela ausência de sentidos outros, de burburinhos e de boatos que circulam como sons e ruídos anônimos, espalhando passos, andares e formas de ocupação na cidade. Na relação sujeito/espaço urbano, os andares se regulam/são regulados percursos oficiais ou não legitimados,



segundo o modo como a memória discursiva intervém em gestos de interpretação e de espacialização, determinado a (des)orientação de como pode/deve (se) significar nesse impasse.

Assim, para esse estudo, que ainda se encontra em fase de ampliação de análise do corpus reunido, trazemos cinco imagens, buscando compreender, por meio dos sentidos que estas fazem movimentar, como os sujeitos se significam, por injunções histórico-ideológicas nas regionalizações que a cidade e seus recônditos lhes autorizam a circular-permanecer.

A escolha dessas imagens se deu baseada na possibilidade que estas nos dão para mobilização de elementos materiais que funcionam como discursos: grafites, ruínas, placas, sinalizações, gestos, passos, enfim, moldes que a cidade desenha enquanto cenários, e estes, por sua vez, “falam” e são interpretáveis e compreensíveis como textos urbanos. As imagens em sequência nos possibilitam, em suma, pôr em visibilidade contrastes urbanos, impermeabilização entre os sujeitos que transitam e os espaços que estes ocupam, ou seja, materializações ideológicas de (in)diferenças sociais, tornando visível a forma como a cidade organiza (des)igualdades.

Desta feita, ancoramo-nos no dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso, sobretudo a partir dos trabalhos de Orlandi (1997, 2001, 2004), cujas reflexões sobre a cidade são sempre atravessadas por ordens discursivas e determinações ideológicas dadas.

1) O começo da caminhada: um passo atrás do outro

Nas palavras de Orlandi (2001, p. 71), o “[...] espaço urbano pode ser lido como um texto onde cada parte – ruas, edifícios, placas, muros – é um signo que fala de uma memória, de uma, história, de um sujeito coletivo”.

Isso significa dizer que o espaço citadino possui sua narratividade, seu tecido próprio, sua trama particular, uma vez que organiza seus espaços, seus meandros, inícios, meios e fins, que, por consequência, tal como o texto em sua concepção tradicional (escrito), é regulado por injunções do que pode/deve ser dito em cada etapa de sua construção.

Nessa perspectiva, o espaço urbano também funciona sobreposto por seus mecanismos de regulação, domínios, que, neste caso, são representados por aqueles - sujeitos - que devem/podem ocupar determinados lugares, assumir determinadas posições e processos de identificação aos



espaços que lhe representam.

Orlandi (2004) nos ensina que esses lugares ocupados pelos sujeitos estão estritamente vinculados à noção teórica de *posição-sujeito*, ou *posição discursiva*, cuja definição se fundamenta na tomada de posição, de forma inconsciente - por mecanismos de interpelação - a ser sujeito “responsável” pelo que diz e, em paralelo com nossa discussão, identificado com o espaço da cidade que ocupa e as ações de que dele suscita. A posição é, portanto, sempre relacional e histórica, sendo estruturada pelo simbólico – linguagem –, pela ideologia e pelas condições sócio-históricas do momento. Essa posição não é algo que o sujeito escolhe de maneira autônoma, mas algo que é imposto e que o sujeito vai (re)construir ao longo de sua trajetória de permanência ou de mobilidade no interior de forças ideológicas que o cerceiam a se constituir sujeito dentro desse ou daquele espaço da cidade.

Imagem 1



Fonte: <https://www.shutterstock.com/shutterstock/videos/18131500/thumb/3.jpg?ip=x480>. Acesso em: 10/09/2024.

É por essa premissa, então, que afirmamos que o entrecruzamento dos sujeitos no palco que o urbano enseja se dá, aparentemente, de forma naturalizada, aleatória, uma vez que os sentidos se escondem pela evidência que os representam pela ordem a ser assegurada no/pelo funcionamento da cidade.



2) O vendedor ambulante: as vendas no/para o caos da cidade

O vendedor ambulante personifica uma subjetivação marginalizada na cidade, ocupando uma posição discursiva que interrompe e desestabiliza a ordem urbana. Inserido em um contexto de informalidade e precariedade, o vendedor desafia as normativas espaciais ao se movimentar entre os fluxos caóticos da cidade. Esse sujeito, ao ocupar as calçadas e outros espaços de trânsito, cria uma tensão entre o direito de circular e a imposição de regras que marginalizam sua presença.

Imagem 2



Fonte: https://www.academiaassai.com.br/sites/default/files/styles/noticia_1020x640/public/lucrar_no_carna_val_01.jpg?itok=M3bDaUoS. Acesso em: 10/09/2024.

No discurso urbano, o ambulante se constitui como "perturbador da ordem", uma figura que precisa ser controlada ou eliminada para que a organização simbólica e material da cidade seja mantida. Sua presença evoca discursos de economia informal, exclusão social e resistência, num embate contínuo entre marginalidade e sobrevivência.

Nesse sentido, afirma Orlandi (1997, p. 83) que:



A cidade é um espaço de circulação de sentidos, onde o discurso organiza o visível e o dizível. Os sujeitos, ao se constituírem na cidade, vivem e experienciam essas relações de poder que muitas vezes se traduzem em exclusão e segregação.

Em conformidade com o que destaca Orlandi (2001), a possibilidade da evocação, mobilização de discursos com os quais o sujeito se afina e, ao mesmo tempo, determina seu modo (se) significar os espaços pelos quais circula/ocupa está atrelada à noção de formações discursivas. Essas, por sua vez, se constituem enquanto lugares em que se arregimentam dizeres, sentidos, que se organizam em um sistema, que determina o que pode ser dito, por quem, como e em que circunstâncias, implicando onde as significações são produzidas, modificadas e/ou reinterpretadas, ou seja, regulando o sujeito, sua posição no tecido urbano que conduz o que pode/deve ser aceito e o que pode/deve ser silenciado.

O contato com a rua, com o chão – desfazer a noção imaginária e evidente de cidade como um todo organizado, por uma via de sentido, onde caminham “pessoas” – Quem são essas pessoas e de que modo elas se subjetivam no compêndio de espaços que a cidade vai reunindo?

3) Caminhar, correr: sentidos de saúde em movimento na cidade

A cidade também regula e legitima determinados sentidos em torno do caminhar e correr, associando esses atos à promoção da saúde e do bem-estar. No discurso urbano, parques, praças e ciclovias são configurados como espaços privilegiados para o exercício físico, criando um sujeito saudável, integrado ao ideal de uma vida ativa.

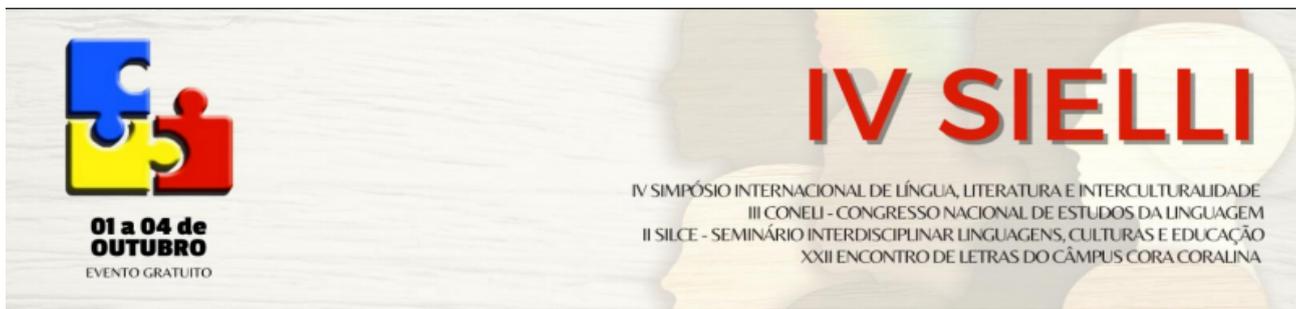


Imagem 3



Fonte: <https://sports360.com.br/wp-content/uploads/caminhar.jpg>. Acesso em 13/10/2024.

Nesses espaços, o andar a pé é ressignificado como prática de autocuidado e prevenção, reforçado por políticas públicas e narrativas de saúde que enaltecem a importância de movimentar-se pela cidade de forma disciplinada e ordenada. Contudo, essa organização espacial e discursiva também define quem pode ou não ocupar esses lugares, impondo fronteiras simbólicas que excluem sujeitos cujas presenças não se alinham ao ideal de corpo saudável e ativo promovido pela cidade.

4) Bagagens, desbravamentos e o andar a pé

Para os mochileiros, o ato de caminhar pela cidade é atravessado por significados de descoberta, desbravamento e prazer. O andar a pé transforma-se numa prática de exploração, em que o sujeito, enquanto viajante, busca um contato direto e autêntico com o espaço urbano. No discurso do turismo, o caminhar é exaltado como uma experiência que oferece a possibilidade de conhecer o "verdadeiro" espírito da cidade, permitindo que o sujeito se insira de maneira menos mediada pelo turismo tradicional.



Imagem 4



Fonte: <https://res.cloudinary.com/goodstorage/image/upload/v1545237951/mochileiros-blog.png>. Acesso em: 13/10/2024.

Essa narrativa, entretanto, também está imersa em relações de poder, pois o mochileiro, enquanto sujeito temporário, pode atravessar fronteiras culturais e sociais que, para outros habitantes da cidade, são invisíveis ou intransponíveis. Dessa forma, o ato de andar a pé adquire camadas de significação que dependem das condições socioeconômicas e culturais do sujeito que percorre os espaços urbanos.

5) Os passos e caminhadas na/para a garantia da ordem

Algumas profissões como a de guarda de trânsito e coletor de lixo têm no caminhar pela cidade uma prática diretamente associada à manutenção da ordem e ao cumprimento das leis. O discurso do poder público legitima essas figuras como sujeitos que garantem a segurança, o saneamento e a organização do espaço urbano, conforme normas e regras estabelecidas. Nesses casos, o caminhar está atrelado à noção de dever e à produção de um ambiente controlado e protegido.



Imagem 5



Fonte: <https://prefeitura.rio/wp-content/uploads/2019/09/gm-no-transito-1920x1280.jpg>. Acesso em: 13/10/2024

As trajetórias desses sujeitos, embora invisíveis para a maioria dos cidadãos, são cruciais para o funcionamento simbólico e material da cidade. No entanto, essas figuras também revelam as desigualdades sociais que atravessam o espaço urbano, pois seus passos frequentemente percorrem áreas marginalizadas ou de menor prestígio, evidenciando as relações de poder e exclusão que moldam o urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de caminhar pela cidade também cria e recria relações de pertencimento e modos de subjetivação diversos. A cada passo, o sujeito se posiciona e é posicionado nos espaços que a cidade organiza, formando vínculos afetivos, simbólicos e ideológicos com o ambiente urbano. Isso porque, como salienta Orlandi (2004, p. 32), a “[...] cidade é um texto, uma teia de significações em que o sujeito urbano se inscreve e é inscrito. Nela, o sujeito se constitui e se reconhece, ao mesmo tempo que se vê alienado e deslocado.”



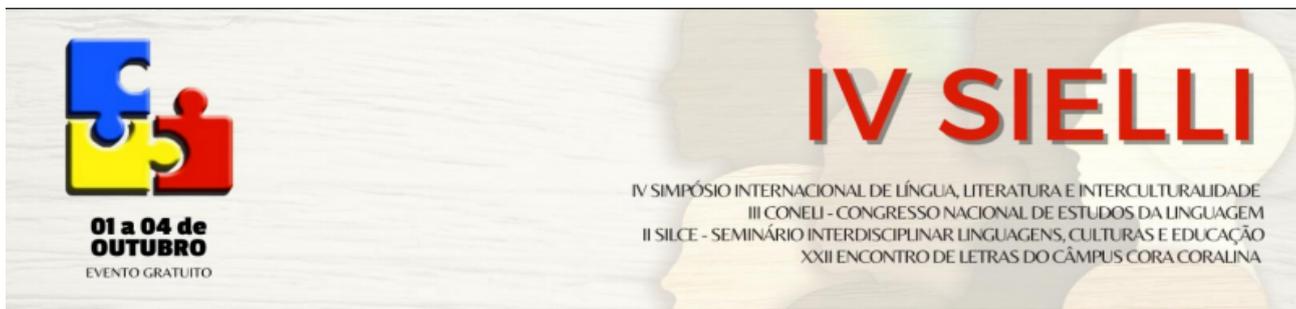
Esses gestos de caminhar, aparentemente banais, revelam as dinâmicas de inclusão e exclusão que atravessam o sujeito, moldando suas identidades e seu lugar de fala na cidade. A pluralidade de significados associados ao caminhar revela que a cidade não é um espaço neutro, mas sim um palco onde diferentes discursos de poder e resistência se entrelaçam. A presente reflexão propôs, então, uma análise discursiva dos modos de subjetivação que se manifestam a partir da relação do sujeito com o espaço urbano. O caminhar, entendido como prática cotidiana, revela-se um gesto simbólico e interpretativo que transcende o simples deslocamento físico, assumindo significados que se entrelaçam com as múltiplas discursividades que configuram o ambiente urbano.

Sob a ótica da Análise de Discurso, investigamos como os sujeitos ocupam e são ocupados pelos significantes que compõem o texto da cidade, nas suas diversas manifestações: ruas, calçadas, margens, edifícios e centros comerciais. Busco, nesse gesto inicial, desnaturalizar o ato de caminhar e explorar as relações ideológicas que o urbano organiza, revelando as forças discursivas que estruturam e desestruturam o "andar a pé" nos espaços citadinos. Andar a pé, portanto, é também uma forma de participação no tecido social, de afirmação ou contestação das normas que regem o espaço urbano.

O caminhar pela cidade, ao ser analisado pela perspectiva da Análise de Discurso, desvela a complexidade dos modos de subjetivação no espaço urbano. Mais do que um simples deslocamento, o ato de andar a pé envolve uma série de significados que se articulam com discursos de poder, controle, marginalização e resistência. Cada passo revela uma posição discursiva, um modo de ser no mundo e na cidade, que tanto organiza quanto desorganiza os sentidos que circulam no ambiente urbano. Ao desnaturalizar esse gesto cotidiano, podemos compreender as forças ideológicas que moldam o espaço citadino e as formas de subjetivação que emergem a partir dele.

REFERÊNCIAS

ORLANDI, Eni P. **As Formas do Silêncio**: no Movimento dos Sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.



ORLANDI, Eni P. **Discurso e Leitura**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2004.